

UTOPIAS EM TEMPOS DE COVID: AS CRÔNICAS DE DINA SALÚSTIO

Larissa da Silva Lisboa SOUZA *

- **RESUMO:** No presente de incertezas pela disseminação da covid-19, a mídia tem papel fundamental na divulgação de boletins sobre a doença. Nesse universo, é possível que o cronista ofereça ao leitor um redimensionamento do real através de utopias? Com o objetivo de discutir essa questão, o presente artigo discutirá alguns textos publicados pela escritora cabo-verdiana Dina Salústio, na imprensa virtual, pela observação da perspectiva discursiva que ambienta a esfera literária do país, na busca pela constituição identitária de Cabo Verde. Portanto, ainda que o contexto não aponte para saídas ou direcionamentos mais objetivos, frente à doença e aos problemas desnudados, o posicionamento discursivo da artista demonstra que há possibilidades para a construção de utopias.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Crônica. Covid-19. Utopia. Mídia.

Introdução

Notícias, reportagens, entrevistas, ensaios... Textos, muitos textos. Há pouco mais de um ano a pandemia do novo coronavírus tem feito parte do cotidiano de todos. Como em qualquer emergência sanitária, as informações são propagadas para que as nações apresentem os seus planos de contenção da doença e para que cada indivíduo compreenda a urgência do cuidado e atenção consigo e com o outro. Assim, abre-se espaço às publicações em tempo real de boletins, descobertas e reflexões, na esperança de que em breve tudo se resolva e todos possam voltar à “normalidade” da vida.

A veiculação dessas informações, contudo, também desencadeia algumas consequências inversas às perspectivas do cuidado, visto a significativa quantidade de materiais publicados no universo jornalístico. No presente incerto de uma doença transmissível, a qual muitos pensavam se tratar de algo passageiro, o crescente

* Doutora em Letras. Professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Departamento de Letras Vernáculas (literaturas africanas de língua portuguesa) – Faculdade de Letras – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21941-917 – lari.lisboa@gmail.com.

número de mortos e infectados – “números frios”, como trouxe o cordelista brasileiro Bráulio Bessa² – tem se tornado parte do dia a dia coletivo.

O real banalizado não é novo. Produto do desenvolvimento midiático gerado pela corrida tecnológica, durante o século XX, muitas tragédias já se resumiam a um pequeno televisor observado durante o jantar ou a um jornal lido durante o café da manhã. Hoje, o sujeito assiste ao número de mortos no golpe em Mianmar da mesma forma em que observava os mísseis em tempo real da Guerra do Golfo, na década de 90. A fatídica “novidade” da covid-19, porém, é o tempo de veiculação da informação. Enquanto outras tragédias são colocadas junto a inúmeras notícias tratadas, a pandemia tomou conta de grande parte da distribuição dessas narrativas. A obsolescência da doença, nesse sentido, “contamina” o cotidiano e não apaga a preocupação de cada indivíduo, se não pela própria vida, pela vida de alguém que ama. A covid-19, portanto, produz um indivíduo que consome a notícia ativamente, constituindo-se pela diária calamidade.

Nesse universo midiático, um gênero textual ultrapassa a esfera da narrativa que informa, na possibilidade de um “respiro” discursivo no contexto pandêmico, visto nutrir-se de certa liberdade. Em sua livre demanda, a crônica oferece ao escritor a observação de seu tempo junto à criatividade artística, no redimensionamento do real.

A imagem da flor no asfalto, nos versos do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade, “É feia/ mas é uma flor/ furou o asfalto/ o tédio/ o nojo e o ódio” (ANDRADE, 2012, p. 13-14), bem poderia ser traduzida como uma crônica. A comum notícia veiculada seria uma narrativa cotidiana qualquer, a informação do rotineiro, a rua, o concreto; enquanto a crônica, algo que aparentemente não faz parte daquele universo jornalístico, mas que sempre esteve lá, escondida embaixo (ou acima) do real, uma flor.

No século XX, a crônica se afastou de sua característica predominantemente histórica para experimentar outras ferramentas estéticas e discursivas na observação do cotidiano. Quanto aos países de língua portuguesa, os textos brasileiros são fundamentais exemplos das inovações em que o gênero possibilitou – o convite ao riso, o sentimental olhar às relações humanas ou mesmo o desnudamento da melancolia da vida, seja nos ácidos textos de Lima Barreto, no humor de Luís Fernando Veríssimo e Rubem Braga ou no lirismo de Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade. Como não se emocionar, por exemplo, com a indignação de Lispector pelos treze tiros que mataram o criminoso – mas humano – “Mineirinho”?

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto

² Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/leia-na-integra-o-poema-inumeraveis-do-cordelista-cearense-braulio-bessa-1.2248744>. Acesso em: 02 mar. 2021.

desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro. (LISPECTOR, 1999, p. 52)

Com o contexto de pandemia, todavia, o cronista se vê ilhado na discussão: como produzir algo para além da observação da doença em seu cotidiano? Ou, ainda, se a doença se torna protagonista nos discursos midiáticos, como ressignificá-la na escrita criativa?

Utopias no discurso cabo-verdiano

Ilhado pela doença, bem como pelo arquipélago, encontra-se o cronista cabo-verdiano. País africano com uma população de aproximadamente 550 mil habitantes, Cabo Verde iniciou o mês de abril de 2021 com uma média de 130 novos casos diários da covid-19. O número, inclusive, tem aumentado – reclamando maior atenção das autoridades e, conseqüentemente, no cuidado redobrado da população pelas políticas de isolamento.

A palavra isolamento é parte constituinte da identidade cabo-verdiana. Resultado de sua história, enquanto arquipélago inicialmente ocupado como entreposto militar português, no século XV, com uma dificultosa atividade agrícola nos séculos seguintes (longos períodos de seca, além do solo vulcânico) e geograficamente distante do território continental africano, o sujeito cabo-verdiano experiencia forçosas migrações. Nesse universo, faz-se a cultura do país, a exemplo das inúmeras cantigas de tradição oral ou das prestigiadas mornas – essas ilustradas nos versos em crioulo cabo-verdiano “*Vapor di imigrason*”, na voz da cantora Mayra Andrade, “*Oh mar, resebi es morna bu intrega-s/ Fla-s ma um dia nós fidjus Ka’l xinti mas sodadi/ Nós mais Ka’l txora ses fidjus ki bai pa terá lonji/ Na vapor di imigrason*”³.

A partida, a separação, a saudade, a espera, os desmembramentos familiares e afetivos são traduzidos na dualidade de um sujeito que precisa emigrar ao mesmo tempo em que deseja a terra. Para Fernando Arenas (2019), a música popular, como a morna, é fundamental à interpretação da “realidade pós-colonial” em Cabo Verde, na compreensão das experiências desses sujeitos diaspóricos (ARENAS, 2019, p. 139).

³ Tradução: Oh mar, recebe esta morna e entrega-lhes / Diz a eles que um dia já não mais sentirão saudades / Nossas mães já não chorarão por seus filhos que partiram para uma terra longe / No vapor de imigração. Link disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZSQRfqu_mLg Acesso em: 13/02/2021.

Na literatura, o isolamento também é recorrente. Desde os iniciáticos versos de Eugénio Tavares, no poema “Canção ao mar”, “Dá-me notícias do meu amor / amor / que um dia os ventos do céu / oh dor / Nos seus braços furiosos / levaram / e ao meu sorriso, invejosos / roubaram / não mais voltou ao lar [...]”, aos contemporâneos textos em prosa, como em “A viagem”, de Vera Duarte (2001), “Aguarda contudo com ânsia o dia da partida. A viagem. O vapor. Sabe que um dia, escondido em algum navio cargueiro, ela irá demandar novos horizontes, zarpará à procura da terra prometida [...]” (DUARTE, 2001, p. 82), a inquietude dos sujeitos isolados, muitas vezes caracterizada na melancólica espera, “contamina” as palavras.

Se Stuart Hall (2006), na discussão sobre a constituição da identidade cultural como parte da identidade nacional, questionava como as identidades eram afetadas pelo processo de globalização (HALL, 2006, p. 47), a pergunta que se faz agora, através da particular experiência cabo-verdiana, é: se o isolamento identitário é parte constituinte do sujeito cabo-verdiano, como se dá a experiência do isolamento social pela covid?

A escritora Dina Salústio tenta responder a essa pergunta em suas crônicas publicadas no Jornal *Expresso das Ilhas*. Felizmente, os mecanismos internos do gênero, unidos à contundente reflexão da artista, têm possibilitado ao escritor – e talvez ao próprio leitor – algumas saídas.

Bernardina Oliveira Salústio, nascida na Ilha de Santo Antão (1941), iniciou sua trajetória literária com o livro de contos *Mornas eram as noites* (1994). Na sequência, publicou os romances *A louca de Serrano* (1998) e *Filhas do Vento* (2009), retornando ao gênero conto com *Filhos de Deus* (2018). Além dessas obras, a escritora reúne dois livros infanto-juvenis, *A estrelinha Tlim-Tlim* (1998) e *O que os olhos não veem* (2002), este último em coautoria com Marilene Pereira.

Suas diversas profissões (professora, assistente social e jornalista) talvez tenham resultado no que Simone Caputo Gomes (2011/2012) elucida quanto aos seus textos artísticos – o questionamento; no diálogo com a cultura, a memória e a história de Cabo Verde (GOMES, 2011/2012, p. 273). Observa-se, assim, uma artista cujo texto literário não apenas intenta a preocupação com a linguagem, mas traz as experiências do cabo-verdiano na constituição de sua cultura, na memória coletiva e protagonística da história, mediante os discursos pós-coloniais, os quais rasuram as visões coloniais sobre os territórios africanos.

Outra particular característica de sua escrita é a escolha do protagonismo feminino nas narrativas. O livro de contos *Mornas eram as noites* (SALÚSTIO, 1994) constrói um quadro identitário da mulher cabo-verdiana, também encontrado nas obras seguintes. Demonstrando ao leitor as dificultosas experiências de mulheres comuns – a lavadeira, a menina pobre, a prostituta, a mãe solo, etc. –, o rosto feminino de cada ilha é formado na densa narrativa cuja visão descortina o dia a dia da mulher em primeiro plano.

A obra traz uma perspectiva híbrida quanto ao gênero. Com traços da crônica, na história narrada a partir de uma conversa, como parte “da vida de todo dia” (ARRIGUCCI, 1987, p.51), Dina Salústio oferece ao leitor o olhar sobre as duras experiências da vida.

O cotidiano, desse modo, fundamenta-se na obra da escritora, seja para observar a continuidade das limitações à mulher no quadro socioeconômico do país, mesmo após a Independência (1975), seja no enaltecimento de sua figura, munida de uma visão ética, através da sororidade. A mulher não nomeada no primeiro conto, “Liberdade adiada”, apresenta ao leitor uma suicida cuja dura realidade é o limite à concretude de seus desejos, “O barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final” (SALÚSTIO, 1994, p. 5).

Fugir, porém, do real contexto de miserabilidades não seria possível, pois existe, além da mulher, uma mãe. Logo, o amor e o desejo de cuidado pelos filhos são traduzidos no esforço à continuidade da vida, “À borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito. O que tinha a ver os filhos com o coração? Os filhos... Como ela os amava, Nossenhora!” (SALÚSTIO, 1994, p. 6). Não a nomear, portanto, é um interessante artifício discursivo, visto a possibilidade de convocar não uma personagem em si, mas a mulher que simboliza o país.

No exercício da narrativa curta, a artista parte para novos desafios – a publicação de crônicas em diversos jornais. E, no atual contexto da pandemia, apropriando-se de seus “questionamentos” (GOMES, 2011/2012) exercitados ao longo de sua trajetória como escritora, no cenário jornalístico cabo-verdiano, a cronista constrói alguns dos mais interessantes textos do período, caracterizando, diversamente à distópica visão contemporânea, suas utopias.

A crônica na pandemia ou a ressignificação das utopias

O olhar à atual situação pandêmica pressupõe reflexões cujos caminhos são desafiadores, como um convite à distopia. Enquanto “lugar destruído, dividido, perverso e malévolo” (CHAUÍ, 2008, p. 377), oposto à ilha de *Utopia*, de Thomas More (MORE, 2009), nas leituras políticas e filosóficas contemporâneas, a distopia estaria relacionada ao “esgotamento” das sociedades (PELBART, 2013). As diversas crises, as quais dificultam a perpetuação (ou mesmo a constituição) da democracia, nos formatos de sociedade mais integradoras, éticas e igualitárias, exemplificam o esgotamento. Distópica, portanto, é a sociedade da falta, do não reparo, das feridas que surgem e que não saram, constituindo uma história rasurada. Para Leyla Perrone-Moisés (2016):

As utopias que se consideravam terminadas são as da modernidade: as que se baseavam no progresso, na revolução, no advento de um futuro de justiça

social e paz entre as nações. De fato, neste início do século XXI, esses objetivos não se concretizaram. Nenhuma das ideologias políticas evitou que o mundo continuasse em guerra, muito pelo contrário. O progresso tecnológico foi posto a serviço da matança, tanto nos exercícios das nações democráticas quanto nas ações terroristas dos que a ela se opõem. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 221)

No atual contexto da covid-19, a crise do contemporâneo se une às problemáticas da doença. Todavia, os 195 países do globo não a experienciam da mesma forma. As distopias, isto posto, são vivenciadas através das particulares desigualdades que se sobressaem. E, ainda que alguns países africanos de língua portuguesa estejam observando um tímido aumento da doença quando comparado às realidades mais trágicas, a exemplo do Brasil, é notório que sua disseminação em espaços desiguais acentue ainda mais os problemas não solucionados.

Em Cabo Verde, a pandemia já demonstrava os seus impactos em 2020, a exemplo do que consta no documento oficial sobre a doença pela *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* (CPLP):

Cabo Verde registou a sua a primeira infecção por SARS-CoV-2, importada, em 18 de março de 2020, em Boa Vista, uma das ilhas mais turísticas do país. Até 27 de agosto de 2020, acumulou 3.699 casos e 38 óbitos, concentrados na capital Praia (80%), Sal (15,5%) e Fogo, mais recente (0,8%), os três principais focos de infecção. Há casos dispersos pelas outras ilhas, menos a Ilha Brava. O impacto da covid-19 foi sentido nos diversos setores, como um dos maiores desafios para o sistema nacional de saúde. Atingiu os setores econômico-financeiro e sociais e interrompeu o fluxo turístico, responsável por cerca de 25% PIB. As medidas de Emergência Nacional, estado de calamidade, distanciamento social, quarentena para os contatos e isolamento dos casos positivos, e apoio ao setor informal de economia e às famílias mais desfavorecidas amenizaram os primeiros impactos, mas não os travaram. O vírus chegou provocando uma espécie de cataclismo, instalando o medo, “outra epidemia”: logo após o primeiro caso positivo, cerca de 50 pessoas estavam infectadas. Algum fatalismo era percebido entre as pessoas, talvez por causa da grande rapidez e quantidade de contágios e óbitos noticiados, na altura, em países como a Itália e a Espanha. (DELGADO *et al.*, 2020, p. 59)

Para o cronista, escapar da obrigatoriedade da escrita sobre a doença, como recorrência à visibilidade da tragédia, é um árduo exercício. Mas se os textos literários, como trouxe Benedito Nunes, “destroem o mundo circundante, cotidiano” (NUNES, 1998, p. 42), a crônica possibilita a ressignificação do presente, inclusive pelas utopias.

É exatamente essa a perspectiva de resignificação do real observada nos textos de Diná Salústio, enquanto resgate de um ideal de humanidade. Com a publicação da crônica “Vamos sobreviver” (SALÚSTIO, 2020e), o “novo normal” é discutido pela observação das fugazes vivências do cotidiano pandêmico:

Vou à padaria. Uma jovem apressada agarra o pão e antes de sair manda-me um olhar como quem pergunta: o que faz uma idosa na rua? Não a levo a mal. Estou tolerante. Pouco depois, já em casa, chega o meu filho de armas e bagagens: – Vim para fazer a quarentena contigo – diz, enquanto se lava, muda de roupa, desinfeta, torna a lavar as mãos e a desinfetar-se. Pede-me detalhes sobre a minha saúde e, como os amigos com quem falo sobre a minha estada no Hospital, as perguntas soam como se eu tivesse facilitado uma transgressão. Lembro o médico de São Vicente que me diz: – Procura não ir às urgências. Aguenta enquanto puderes. Muitas milhas nos separam e as recomendações são como medicamento. – vamos sobreviver. (SALÚSTIO, 2020e)

Na trágica situação em que as vacinas circulam lentamente, o cotidiano é “contaminado” por restrições, medos, angústias, distanciamentos e recomendações. Mas talvez o cabo-verdiano – pela experiência do isolamento identitário - encare o isolamento pela doença através da resiliência: “vamos sobreviver”.

As contradições contemporâneas também fazem parte das reflexões da artista. Na triste constatação da ascensão de grupos conservadores, unida aos atuais problemas de circulação das informações, como as *fake news*, na (in)consequente desinformação de grande parte das populações sobre a importância da ciência e de seu desenvolvimento, há espaço na escrita à indignação ao que se considera negacionismo:

Quem, com a consciência toda não sabe que não nos cabe a liberdade de dizer: “Faço o teste à Covid-19 se eu quiser”, “Fico em casa se me apetecer”, “A morte é certa e por isso não me preocupo”, ou “Quando a minha hora chegar, chegou”? (SALÚSTIO, 2020b)

A crônica “Lentidão é beleza”, aliás, traz uma interessante construção discursiva a partir de uma conversa com o pianista Vasco Martins sobre o que se considera parte da identidade cabo-verdiana: o festejo da vida em meio às miserabilidades. Contudo, a cronista é crítica a essa visão, na compreensão da generalização enquanto marca de uma herança colonialista, inclusive como empecilho à disseminação da doença, “Como estão as ilhas, Vasco? De algumas chegam-nos notícias de dor o que nos indica que basta um descuido para que a nossa fragilidade venha à tona. De facto, nada está garantido como, aliás, para Cabo Verde, nunca nada esteve garantido” (SALÚSTIO, 2020b).

Já em “O beijo nos tempos do coronavírus” (SALÚSTIO, 2020d), a cronista continua sua busca pelo que se compreende como identidade cabo-verdiana através do estudo dos modos de cumprimento, na construção cultural do beijo no país. Munida de algumas características da crônica histórica, a escritora caminha pela história de Cabo Verde para entender a importância do beijo em seu cotidiano e como ressignificá-lo no contexto da covid-19.

Em Cabo Verde, para nos localizarmos, o hábito do beijo social era comum apenas nas classes sociais mais elevadas e normalmente eram as mulheres que se cumprimentavam com o beijo ou ainda e raramente com os homens da família. Nos restantes grupos sociais não se praticava esse tipo de cumprimento e só mais recentemente, num horizonte de poucas décadas, é que o hábito se popularizou até se tornar comum, seja no meio rural ou urbano. (SALÚSTIO, 2020d)

O que poderia ser entendido enquanto ato banal, o beijo é, em verdade, parte da constituição histórica desigual do país. Logo, a frágil compreensão da identidade cabo-verdiana singularizada mais uma vez é desconstruída pelo olhar da cronista. No contexto da covid-19, em que o contato físico deve ser evitado, Salústio penetra na dor de cada sujeito pela impossibilidade do ato já popularizado: “Novos comportamentos têm custos, provocam incômodos e desconforto, porque implicam escolhas, cortes e perdas” (SALÚSTIO, 2020d).

A dificultosa mudança de hábitos inclui, inclusive, as suas vivências. Se refletir sobre os novos hábitos gerados pela pandemia é compreender uma significativa mudança nos padrões comportamentais da sociedade, Dina Salústio não deixa de se contaminar na discussão, trazendo ao texto o seu descontentamento, ainda que compreenda e reafirme a necessidade do cuidado:

Quando, no final do almoço com um amigo a quem falei do conteúdo desta crônica, ele se despediu de mim com um elegante gesto da cabeça, soube que ele aprovara a mensagem. Desci a rua com uma espécie de vazio nos braços. (SALÚSTIO, 2020d)

A melancólica constatação das mudanças de hábitos e preocupações de uma doença letal que se dissemina, ambientada pela visão distópica do presente, também possibilita a construção discursiva de suas utopias, nos vislumbres de futuros (im) possíveis:

[...] eu quero notícias que me encham a alma de alegria. Uma hora de alegria. Só uma hora. Vinte minutos. Dez. Depois ficarei atenta a todos os noticiários e

às chamadas que os familiares e amigos fazem, algumas a altas horas da noite. (SALÚSTIO, 2020b)

O desejo por uma sociedade melhorada, todavia, é discutido por meio de questionamentos críticos sobre o presente. A cronista, desse modo, convida o leitor a refletir sobre a perpetuação dos espaços periféricos e sobre como a doença potencializa a necessidade de que sejam construídas sociedades mais igualitárias. Na crônica *“Las letas solo brillan cuando el cielo está oscuro”* (SALÚSTIO, 2020a), ela traz:

Não é tempo de se esquecerem os prazos e seus relógios? Esquecermos os preconceitos? Esquecermos as astúcias... as singularidades, a pequenez? Que história estamos a construir onde o medo do outro é o pano de fundo e a ideia de uma hegemonia nos ameaça? Será que para uma voz brilhar as outras terão de se calar? Que seria das orquestras ou dos coros fabulosos deste mundo se apenas uma voz ou um instrumento se pudessem ouvir? [...] Não é tempo de rivalidades mesquinhas serem apenas uma ideia passando? Para quê restringirmos as coisas e os espaços à nossa dimensão momentânea e às nossas ligeiras particularidades? (SALÚSTIO, 2020a)

Outra perspectiva utópica encontrada em suas crônicas é a proposta de discussão sobre a memória coletiva. Parte constituinte da história cultural do país, é através da memória que se constroem as relações afetivas com a terra. Assim, no isolamento social da doença, rememorar é um importante exercício de resiliência, cuja ação, inclusive, aproxima os indivíduos em um momento de distanciamento físico:

Sem dúvida que foram as memórias que trouxeram pessoas queridas para junto de nós quando o distanciamento não permitia, e não permite, abraços ou nomes. São elas que ajudam a lembrar vozes, a rever risos, a recordar lágrimas. São elas que nos mostram o caminho luminoso que temos de construir para o amanhã. (SALÚSTIO, 2020c)

Nas “estratégias de sobrevivência”, pelo exercício do não apagamento de suas memórias, há uma contraposição às experiências pandêmicas; estas bem poderiam ser esquecidas: “Penso que são essas fraquezas que nos motivam a querer esquecer a pandemia, a inventar alegrias e a adaptarmo-nos ao silêncio que cresce à nossa volta, procurando dar outro tom à escrita ou outro respiro às palavras” (SALÚSTIO, 2020c).

Considerações finais

Se é possível dizer que em toda a reunião de textos há o seu ápice, na crônica “Falas de amor sem truque” (SALÚSTIO, 2021), o leitor encontrará um tratado utópico nos tempos da covid-19.

A cronista inicia o seu texto a partir de uma interessante reflexão sobre o exercício da escrita – seria mais fácil ao escritor escrever tragédias a discorrer sobre o amor:

Escrever sobre o amor é tão ou mais difícil do que vivê-lo, porque ao escritor faltam redes que o aparem numa desilusão criativa, faltam os suportes físicos e emocionais que ditam a respiração da frase, o brilho de uma tarde na folha esguia ou a sutileza necessária para que o jogo prossiga. (SALÚSTIO, 2021)

Questionada por não inserir em seus escritos a temática do amor, a cronista refuta a afirmativa trazendo ao leitor o que considera, verdadeiramente, o significado da palavra. Diferentemente da perspectiva do amor romântico, a compreensão de Salústio dialoga com o que Pierre Bourdieu traz sobre o “*Amor fati*” (BOURDIEU, 2012); não o amor passional, mas como forma de sobrevivência. Essa mesma perspectiva dialoga com o posicionamento crítico de Célestin Monga na observação do amor, no contexto africano, enquanto um exercício utilitarista do cuidado de si (MONGA, 2010).

Ainda que essas duas visões tragam as suas complexidades, visto os autores observarem as experiências dos sujeitos em situações particulares (no primeiro caso, na observação das camadas populares francesas; no segundo, nas desigualdades em alguns territórios africanos), a visão utilitarista do amor pelo cuidado de si parece ser parte constituinte da utópica experiência de escrita de Dina Salústio, em seu particular olhar sobre a covid-19 em Cabo Verde.

Nesse universo, amar, para a escritora, seria mais do que o desejo avassalador pelo outro, mas sim o desejo avassalador pela sobrevivência de si e do outro:

Hoje, nesta crônica, quando a situação sanitária do país e do mundo e o jornal implicitamente me obrigam a mais uma vez falar da Covid-19 repito, em reforço, as recomendações dos Serviços de Saúde sobre o uso da máscara, a desinfecção das mãos e o distanciamento social. Fazer isso é uma forma de amar. Sem truques. Haverá maior prova de amor do que proteger a Vida? (SALÚSTIO, 2021).

O presente artigo assim se encerra, com a maior das mensagens utópicas deixada pela cronista, nesses novos tempos em que o presente é marcado pela

incerteza de uma doença que ainda se dissemina: apenas através do amor os sujeitos conseguirão seguir por todas essas tormentas.

SOUZA, L. S. L. Utopias in times of covid: the chronicles of Dina Salústio. **Itinerários**, Araraquara, n. 52, p. 275-287, jan./jun. 2021.

■ **ABSTRACT:** *In the present of uncertainties due to the dissemination of covid-19, the media has a fundamental role in the diffusion of bulletins about the disease. In this universe, is it possible for the chronicler to offer the reader a resizing of reality through utopias? In order to discuss this issue, this article will discuss some texts published by Cape Verdean writer Dina Salústio, in the virtual press, through the observation of the discursive perspective that sets the country's literary sphere in the search for the constitution of Cape Verde's identity. Therefore, even though the context does not point to more objective exits or directions, facing the disease and the naked problems, the artist's discursive position demonstrates that there are possibilities for the construction of utopias.*

■ **KEYWORDS:** *Chronicle. Covid-19. Utopia. Media.*

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARENAS, F. **África lusófona: além da independência**. Trad.: Cristiano Mazzei. São Paulo: EDUSP, 2019.

ARRIGUCCI, D. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad.: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CHAUÍ, M. Notas sobre utopia. *Ciência e Cultura*. In: **Boletim SBPC**. v. 60. São Paulo: 2008. p. 7-12.

DELGADO, A. P.; CORREIA, A. J.; MENDONÇA, M.L.L; MONTEIRO, F.S.L. **Covid-19 nos Estados-Membros da CPLP de março a agosto de 2020**. Brasília: Conselho Nacional de Secretários de Saúde, 2020.

DUARTE, V. **O arquipélago da paixão**. Mindelo: Edições Artiletra, 2001.

GOMES, S. C. O conto de Dina Salústio: um marco na literatura cabo-veridana. **Forma Breve**, Aveiro, p. 265-284, 2011/2012.

- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MONGA, C. **Niilismo e negritude**. As artes de viver na África. Trad.: Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MORE, T. **Utopia**. Trad.: Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- NUNES, B. Ética e leitura. In: NUNES, B. **Crivo de Papel**. São Paulo: Ática, 1998. p. 175-187.
- PELBART, P. P. **O avesso do niilismo**. Cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SALÚSTIO, D. **A estrelinha tlim**. Ilustrações: Júlio Resende. Mindelo: Centro Cultural Português, 1998.
- SALÚSTIO, D. **A louca de Serrano**. São Vicente: Spleen-edições, 1998.
- SALÚSTIO, D. Falas de amor sem truque. **Expresso das Ilhas**, Praia, 25 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/opiniao/2021/01/25/cronicas-da-dina-salustio-falar-de-amor-sem-truques/73064>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- SALÚSTIO, D. **Filhas do vento**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1999.
- SALÚSTIO, D. **Filhos de Deus**. Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde, 2018.
- SALÚSTIO, D. Las lettas solo brillan cuando el cielo está oscuro. **Expresso das Ilhas**, Praia, 21 de setembro de 2020. [2020a] Link disponível em: <https://expressodasilhas.cv/opiniao/2020/09/21/cronicas-da-dina-salustio-las-estrellas-solo-brillan-cuando-el-cielo-esta-oscuero/71382>. Acesso em: 14 dez. 2020.
- SALÚSTIO, D. Lentidão é beleza. **Expresso das Ilhas**, Praia, 04 de maio de 2020. [2020b]. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/opiniao/2020/05/04/lentidao-e-beleza/69214>. Acesso em: 03 mar. 2021.
- SALÚSTIO, D. **Mornas eram as noites**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 1994.
- SALÚSTIO, D. Nós somos as nossas memórias. **Expresso das Ilhas**, Praia, 15 de julho de 2020. [2020c]. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/opiniao/2020/07/15/nos-somos-as-nossas-memorias/70398>. Acesso em 02 fev. 2021.

SALÚSTIO, D. O beijo nos tempos do coronavírus. **Expresso das Ilhas**, Praia, 24 de fevereiro de 2020. [2020d]. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/opinio/2020/02/24/o-beijo-nos-tempos-do-coronavirus/68098>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SALÚSTIO, D. Vamos sobreviver. **Expresso das Ilhas**, Praia, 20 de abril de 2020. [2020e]. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/opinio/2020/04/21/vamos-sobreviver/69020>. Acesso em: 28 fev. 2021.

SALÚSTIO, D.; PEREIRA, M. **Que os olhos não veem**. Praia: Centro Cultural Português, 2002.

TAVARES, E. Canção ao mar. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20041224014012/http://www.instituto-camoes.pt/cvc/oceanoculturas/07.html> Acesso em: 04 dez. 2020.

